

# Se liga na Rocinha! E no Jardim Catarina também!



Julho de 2021 - Informe nº 2 do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva  
Ampliando oportunidades de educação de crianças em contextos de vulnerabilidade  
Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI/PUC-Rio  
Diretora: Irene Rizzini (Profª PUC-Rio/DSS) | Coordenadora Executiva: Maria Cristina Bó  
Autora: Cristina Porto

Editores: Renata Brasil, Irene Rizzini e Malcolm Bush



Neste segundo informe, escrevemos sobre a importância de escutar as crianças. Nós vamos apresentar também uma de nossas experiências recentes de participação na Rede Nacional da Primeira Infância (RNPI).

A Rede articula organizações que atuam promovendo e defendendo os direitos das crianças na Primeira Infância. Ela iniciou suas atividades em 2007, com um pequeno grupo de cerca de 10 organizações. Hoje, ela reúne mais de 200 organizações da sociedade civil, do governo e do setor privado de todo o Brasil. Você podem conhecer mais desse trabalho através do site [www.primeirainfancia.org.br](http://www.primeirainfancia.org.br).

Esta iniciativa tem tudo a ver com nosso projeto, que quer estimular a educação das crianças de 0-5 anos de idade com base nos princípios de inclusão e participação. Você pode acessar o número 1 deste informe através do site [www.ciespi.org.br](http://www.ciespi.org.br). Lá você também encontra outras informações sobre nosso projeto<sup>i</sup>.

## A Covid-19 mudou nossas vidas

O projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva teve início em fevereiro de 2020. Um mês depois começamos a viver uma experiência muito assustadora. Vários países foram afetados pela Covid-19, inclusive o Brasil. Foi tudo muito rápido. O Coronavírus é muito contagioso, provoca uma doença respiratória grave e já levou milhões de pessoas à morte. O mundo em que estávamos acostumados a viver mudou profundamente em um curto espaço de tempo.

Veio o distanciamento social, o desemprego e as dúvidas em relação ao futuro. O confinamento fez com que a violência contra a mulher aumentasse ao ponto de ser considerada um fenômeno mundial<sup>ii</sup>. Além disso, muitas crianças deixaram de conviver com familiares e amigos e ficaram sem ir à escola. Em muitos contextos, a violência física, sexual e psicológica contra elas também cresceu<sup>iii</sup>.

Com o passar do tempo, os cientistas foram descobrindo mais detalhes sobre a Covid-19. Eles nos ensinaram a nos proteger e desenvolveram

vacinas que prometem evitar casos graves e mortes. Mas o ritmo de vacinação é lento e faltam matérias-primas para a produção. Ainda estamos longe de poder sair sem a proteção das máscaras e sem limpar as mãos a todo instante. Ainda não é possível abraçar familiares, amigos e circular sem medo pela cidade.

Aqui no Brasil, as crianças ficaram mais de um ano sem poder ir à escola. Nesse período, parte delas teve acesso à internet, computadores e celulares e pôde manter suas aulas de forma remota, à distância. Os professores tiveram que correr atrás, porque muitos deles nunca tinham trabalhado desta maneira. Mas muitas crianças ficaram totalmente excluídas e sem opção. Volta e meia se ensaia uma volta às aulas presenciais, com protocolos especiais para evitar contaminações. Isso quer dizer que precisamos de novas rotinas e equipamentos para manter o distanciamento e receber as crianças em grupos pequenos. A rede pública sofre mais para se adaptar à nova realidade, porque faltam verbas e interesse dos governantes. Ainda existem muitas dúvidas e insegurança em relação à reabertura das escolas.

A vida dos adultos mudou muito com a pandemia de Covid-19, mas a vida das crianças também mudou. O que elas e suas famílias têm a dizer sobre isso? O que esperam de um futuro próximo? Só teremos essas respostas se nos dispusermos a ouvi-las. Mas é preciso querer e aprender a fazer isso. Até o momento, não temos iniciativas do poder público, dos governantes, para escutar as crianças e suas famílias. Sem perguntar como elas se sentem e do que precisam, como planejar ações para enfrentar os problemas provocados pela pandemia de Covid-19? Esse é um passo fundamental para encontrarmos saídas para a situação em que estamos. Saber “ler” as expressões das crianças e entender suas necessidades se tornou um desafio ainda maior.

## O que as crianças pensam sobre isso?

Um exemplo recente de escuta das crianças veio da Rede Nacional da Primeira Infância e da sua Ciranda de Ações<sup>iv</sup>. A Rede ouviu 32 crianças com idades entre 4 e 11 anos. Elas moram em diferentes estados do Brasil, como: Bahia, Ceará, Goiás, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Os depoimentos e desenhos das crianças viraram um vídeo, lançado em janeiro de 2021<sup>v</sup>. Nesse vídeo, elas nos dizem como estão se sentindo:

- “Essa vida tá muito chata!”
- “Eu odeio a pandemia!”
- “Triste; muitas pessoas morrendo da nossa família”.
- “Uma pessoa nem pode tocar na outra...”
- “Fiquei longe da minha avó e foi chato, fiquei com saudade. Lá é casa e é tão legal! Aqui, eu moro em apartamento. Eu sou agitado, não aguento ficar em apartamento”.
- “Não posso mais sair, brincar com meus coleguinhas...”
- “Se todo mundo morrer, eu não posso mais ir pra escola...”

- “Eu não posso ir à escola; só posso ir pra escola de máscara, e, toda vez que vou sair, tenho que sair de máscara...”

- “Máscara, ui, que agonia!”

- “Tá sendo chata (a pandemia), porque a gente fica muito tempo no computador pra fazer a aula. É difícil ficar muito tempo olhando pra uma tela, porque a gente acaba se distraindo por qualquer coisinha. Mas também tá sendo legal, porque a gente fica mais com a família”.

- “Na escola, a gente entende melhor”.

- “Eu sempre penso na aula; eu sempre amei fazer as coisas lá na aula; amei o recreio; amei tudo lá na escola. [...] Agora veio essa pandemia e ficou tudo embaralhado”.

- “Eu queria poder abraçar meus professores, porque eu sinto muita falta deles”.

- “Foi difícil ficar longe de todo mundo”.

- “Tive que ficar longe do médico”.

As crianças falam de morte, família, necessidade de brincar, ter amigos, receber carinhos, contar com espaço amplo, ir à escola, encontrar os professores e ver o médico. Mostram que entenderam que usar a máscara é preciso, mesmo que incomode.

Uma das organizadoras da Ciranda de Ações explicou a importância de ouvir as experiências a partir de quem as vive<sup>vi</sup>. As crianças têm opiniões e fazem escolhas, por isso é importante garantir seu lugar de fala. Falar nos ajuda a aliviar nossas tensões e angústias. Isso não é diferente com as crianças. “*Faltar palavra é como faltar o próprio ar; é sufocante*”. Escutá-las é tão importante quanto proteger sua saúde, durante e depois da pandemia. É extremamente necessário respeitar seus sentimentos e desejos.

Durante essa experiência de escuta, as crianças disseram o que esperam que aconteça daqui pra frente. Elas mostraram que se importam com o coletivo, revelando uma preocupação que muitos adultos ignoram, inclusive nossos governantes.

-“ Eu quero que o Coronavírus acabe, porque eu não posso ir pra escola, não posso ver meus amigos, não posso passear; não posso ir visitar meus amigos...”

-“Eu quero que a vacina *vem* logo”.

-“Eu quero poder brincar com meus amigos”.

-“Eu queria ir no parque, brincar”.

-“Eu quero que as pessoas fiquem bem”.

-“Eu queria que mudasse o mundo e só coubesse amor dentro dele.

-“Eu ia fazer as pessoas *entender*, que todo mundo é igual a todo mundo.

-“Que acabe a quarentena e todo mundo abrace”.

As formas como as crianças expressam esses sentimentos podem variar. As crianças ouvidas na Ciranda de Ações, por exemplo, conseguem usar a linguagem verbal, conseguem falar. Mas, e as menores de 4 anos? E as crianças com deficiência, que podem ter dificuldades para se comunicar verbalmente? E os bebês?

A legislação brasileira prevê como direitos essenciais boa parte das questões apresentadas pelas crianças: escola, médico, vacina, brincadeira, espaço de lazer e convivência. Isso mostra como elas podem nos ajudar a pensar o que precisamos fazer para melhorar a atenção que dirigimos a elas nas políticas públicas. Especialmente neste momento de tantas incertezas.

## Como ver e ouvir as crianças?

Desde o nascimento, a criança suspeita, interpreta, aprende, produz e inventa novas possibilidades de ver, de ser e de viver. Ela usa diversas expressões que um adulto tem dificuldades em entender. Isso porque o adulto costuma esquecer da criança que foi um dia. E porque muitos de nós estamos presos a ideia de que sabemos de tudo. É um grande desafio romper

com esse tipo de comportamento, mas é também muito importante fazer isso.

A forma de se comunicar das crianças com até 6 anos é performática. Ou seja, não passa pela fala, pela linguagem verbal. Quanto menores elas são, mais se expressam e dão sentido as suas experiências com o corpo, por brincadeiras, rabiscos e desenhos. Para garantir que essas diversas maneiras sejam compreendidas é preciso vontade, observação e aprendizado. Para tornar mais claro o que estamos defendendo, apresentamos a seguir exemplos de algumas reações das crianças diante das restrições impostas pela pandemia.

Na Bahia, uma mãe percebeu a tristeza de seu bebê de 9 meses e resolveu dar uma volta de carro pela cidade. Ele praticamente não havia saído de casa nem convivido com outras pessoas. Durante o passeio, a mãe percebeu seu olhar de espanto e contentamento ao ver pela janela que havia um mundo lá fora.

No Rio de Janeiro, a mãe de duas crianças observou que o bebê de 8 meses estranha qualquer pessoa e que a menina de 8 anos teve perdas e ganhos. A menina costumava ser muito ativa, mas foi se desinteressando de tudo o que estava acostumada a fazer. Por outro lado, aos poucos, ela desenvolveu a autonomia de ler, dançar e desenhar sozinha. Ela cria brincadeiras com o grupo de amigas pelo celular, mas não se adaptou às aulas online. Nos dias em que tem aulas presenciais, a menina acorda cedo, coloca logo o uniforme e espera ansiosamente pelo momento de sair.

A coordenadora de uma creche, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, escutou o que disse um menino de 4 anos ao retornar as atividades presenciais: "Ah, meu pátio, que saudade de você!". A coordenadora viu também que uma menina de 3 anos correu, abraçou e beijou o balanço, demonstrando a falta que sentia. Outra menina, de 2 anos, depois de ficar um tempo no pátio, falou para a professora: "Agora eu quero ir lá dentro". A professora perguntou: "Lá dentro aonde?". Ela respondeu: "Lá, no meu lugar".

No Piauí, a repórter Neyara Pinheiro recebeu um vídeo de uma menina falando que “toda criança tem direito de estudar, de brincar, se

divertir, sair pra lanchar e ir pro parque”. Curiosa, a repórter decidiu ir até Coelho Neto, uma cidade do Maranhão, sem saneamento básico nem rede elétrica. Lá, ela encontrou com a “Professora Érica”, uma menina de 12 anos, filha de uma catadora de lixo. Érica viu que as crianças da sua vizinhança estavam tristes e sem nada para fazer e fundou a “Escolinha da Esperança”. Em uma das casas de pau a pique, ela ergueu a escola, com uma sala de aula construída com materiais encontrados no lixão por sua mãe, Dona Dorizete. Suas aulas contam com a participação animada dos “alunos”. O que começou como uma brincadeira ganhou visibilidade e potência através da sensibilidade da repórter<sup>vii</sup>.

Cada país vem enfrentando a pandemia de um jeito. A forma como as prioridades são decididas diz muito sobre o que realmente importa para cada um deles. Alguns governos buscaram criar as condições necessárias para reabrir logo as escolas, considerando que o confinamento pode ser traumático para as crianças e que seu prolongamento pode ter consequências inimagináveis. No Brasil, a educação claramente não tem sido uma prioridade e a pandemia segue revelando e aprofundando desigualdades. Crianças de diferentes contextos, bairros e regiões têm

vivido essa experiência de formas diferentes. Isso nos faz querer entender como elas estão sentindo e passando por esse momento.

Aprendemos com a Professora Érica que todas as crianças têm seus direitos. Elas demonstram suas necessidades e desejos de maneira própria. Para que sua participação aconteça, é necessário reconhecer suas diferentes formas de comunicação, considerando diferenças de idade, classes sociais, culturas e condições físicas e psicológicas.

A equipe do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva acredita que a escuta das crianças pode contribuir para a construção de espaços seguros, inclusivos e participativos. Espaços, serviços e atendimentos adequados, capazes de proteger os direitos das crianças, oferecer suporte para seu desenvolvimento e enriquecer seu dia a dia.

Se você tiver interesse em ajudar a construir nosso projeto, entre em contato com a gente pelo e-mail: [primeirainfanciaciespi@gmail.com](mailto:primeirainfanciaciespi@gmail.com) ou WhatsApp: 21 98266 7045.

<sup>i</sup> O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido (ES/T004002/1).

<sup>ii</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemia-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-fenomeno-mundial.ghtml>

<sup>iii</sup> <https://www.cartacapital.com.br/blogs/lado/a-violencia-contra-criancas-em-tempo-de-pandemia/>.

<sup>iv</sup> Várias organizações fazem parte desta iniciativa: Casa da Árvore/ RJ, /ISC/UFBA, CIESPI/PUC-Rio, Instituto Viva Infância, Secretaria Executiva da RNPI, ANDI, Pastoral da Criança, Comitê Gestor Estadual/PCF/PI, Tempo Junto, Usina da Imaginação, OMEP/BR/RS/NH.

<sup>v</sup> O vídeo “A pandemia e a infância” está disponível no link: <https://vimeo.com/507330692>.

<sup>vi</sup> Claudia Mascarenhas, do Viva Infância.

<sup>vii</sup> O vídeo está disponível no canal da Neyara Pinheiro, no Youtube: [https://www.youtube.com/channel/Ucc\\_Wo-yjTEA6cKV-Mj7spGw](https://www.youtube.com/channel/Ucc_Wo-yjTEA6cKV-Mj7spGw).



THE UNIVERSITY  
of EDINBURGH

